

ROBERT DESNOS E A ESCRITA AUTOMÁTICA EM “RROSE SÉLAVY”

Andressa Cristina de OLIVEIRA *

RESUMO: Retratamos, aqui, de maneira breve, o movimento surrealista, as características da escrita automática e fazemos uma breve análise de Rose Sélavy, de Robert Desnos, poeta que mais teve êxito entre os surrealistas nesse tipo de escrita.

PALAVRAS-CHAVE: Surrealismo. Robert Desnos. Escrita automática. Rose Sélavy.

Introdução

O Surrealismo floresceu na Europa entre a I e a II Guerra Mundial, tendo crescido principalmente a partir do movimento Dada, que mais cedo, antes da Primeira Guerra Mundial, produziu trabalhos de anti-arte que, deliberadamente, desafiavam a razão. André Breton, Jacques Vachon, Louis Aragon, Francis Picabia formaram o grupo que, já em 1920, publicou a revista *Littérature* e, em 1924, o *Primeiro Manifesto Surrealista*.

Nas duas primeiras décadas do século XX, os estudos psicanalíticos de Freud e as incertezas políticas criaram um clima favorável para o desenvolvimento de uma arte que criticava a cultura europeia e a frágil condição humana diante de um mundo cada vez mais complexo. Surgem movimentos estéticos – as vanguardas – que interferem de maneira fantasiosa na realidade.

O surrealismo, o último desses movimentos, foi por excelência a corrente artística moderna da representação do irracional e do subconsciente. Suas

* Pós-doutoranda. Bolsista FAPESP. UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras – Departamento de Letras Modernas. Araraquara – SP – Brasil. 14.800-901 – profandressa@ig.com.br

origens devem ser buscadas no dadaísmo e na pintura metafísica de Giorgio De Chirico. Mas, já fora anunciado pela obra de Rimbaud, Lautréamont e Apollinaire.

A publicação do *Manifesto do Surrealismo*, assinado por André Breton em outubro de 1924, marcou historicamente o nascimento do movimento. Nele se propunha a restauração dos sentimentos humanos e do instinto como ponto de partida para uma nova linguagem artística. Para isso era preciso que o homem possuísse uma visão totalmente introspectiva de si mesmo e encontrasse aquele lugar do espírito no qual a realidade interna e externa são percebidas totalmente isentas de contradições (BRETON, 2001).

A livre associação e a análise dos sonhos, métodos da psicanálise freudiana, foram aplicados a seu modo pelos surrealistas e transformaram-se em seus procedimentos básicos. Por meio do automatismo, ou seja, qualquer forma de expressão em que a mente não exerce nenhum tipo de controle, os surrealistas tentavam plasmar, em formas abstratas ou figurativas simbólicas, as imagens do subconsciente, da realidade mais profunda do ser humano.

O inconsciente, o subconsciente e o consciente compõem a nossa vida psíquica. Durozoi e Lecherbonnier (1972) lembram que, no inconsciente, estão os nossos impulsos primitivos, verdadeiramente instintivos, que não conhecemos justamente por serem inconscientes. Quando esses impulsos primitivos emergem de suas profundidades desconhecidas e tentam chegar ao consciente, para se transformar em atos e palavras, tem de atravessar o subconsciente, que os fiscaliza, recalca ou sublima. Disfarça-os, por assim dizer. Desse modo, quando chegam ao consciente, refletem não a nossa personalidade inconsciente, mas a nossa personalidade consciente, modelada e aperfeiçoada pela educação e pela cultura.

Fascinados pelas idéias e métodos de Freud, os surrealistas recusam, como fontes de criação artística, as manifestações racionais e lógicas do consciente. Aceitam somente as manifestações do subconsciente, absurdas e ilógicas, principalmente a dos sonhos, dos automatismos psíquicos, dos estados alucinatórios, que consideram fontes artísticas mais autênticas do que a natureza e a realidade.

Para Compagnon (2007), o Surrealismo deixou como legado à literatura do século XX três conceitos fundamentais que não poderão mais ser esquecidos e que não cessarão de marcar sua história: o automatismo, o maravilhoso e o acaso objetivo. De acordo com o crítico:

[...] o automatismo introduziu uma reflexão essencial sobre as relações da literatura e da linguagem. Nas origens do Surrealismo, encontra-se a descoberta, de Breton e de Soupault, em 1919, após a fundação da revista *Littérature*, dos poderes da escrita automática. [...] *Champs magnétiques*, obra escrita durante seis semanas em maio e junho de 1919, foi publicada de setembro do mesmo ano a fevereiro de 1920. As frases surgidas durante a aproximação do estado de sonolência e as associações livres de Freud interessavam a Breton desde 1916 [...]

O automatismo renovou repentinamente a inspiração poética [...] É um modo de produção do texto – mas também da fala e do desenho – sem controle da razão nem do gosto. [...] As sessões de sono hipnótico começam em 1922 com Crevel, Péret e Desnos, o mais dotado. (COMPAGNON, 2007, p.668-669, tradução nossa).

Robert Desnos

Nascido em Paris em 04 de julho de 1900, Robert Desnos, desde os sete anos de idade, desenha, pinta, lê romances populares e começa a anotar seus sonhos. Aos 17 anos abandona o colégio, porque seu pai desejava que se tornasse comerciante, enquanto ele sonhava ser poeta. Assume sua escolha, vive de empregos temporários e, durante este período, adquire uma vasta cultura autodidática. Anda com jovens com os quais divide sua revolta contra os massacres da guerra, e publica seus primeiros poemas em pequenas revistas: neles evidenciam-se os ecos de suas descobertas literárias – Apollinaire, Laurent Tailhade, Germain Nouveau, Baudelaire, Rimbaud. Nesse período, também encontra seus primeiros amigos: Benjamin Péret, André Breton, Aragon, Tristan Tzara, Ribemont-Dessaignes, que já faziam parte do movimento dadaísta e tinham acabado de criar a revista *Littérature*. Em 1920 vai servir o exército no Marrocos. Em 1922, volta a Paris e reencontra seus amigos, acrescido de outros, como Paul Eluard, Philippe Soupault, René Crevel, enfim, todos aqueles que então eram chamados de “surrealistas”; alcança os melhores resultados ao participar das sessões de sono hipnótico organizadas por eles, e colabora com a revista *Littérature* (“Rose Sélavy” e narrativas de sonhos são publicados nesse mesmo ano). Até 1929 participa de todas as atividades do grupo surrealista, assina grande parte dos tratados, frequenta os locais que serão ligados à lenda do Surrealismo. Entre 1924 e 1943 publica várias obras e, em 1930, rompe com Breton e alguns de seus discípulos. Começa a trabalhar como jornalista, como radialista e com cinema. Em 1944 é preso pela Gestapo por fazer parte de um grupo de resistência, vai para o campo de Buchenwald e, em oito de junho de

1945, no campo de Terezine, na Tchecoslováquia, esgotado, morre, apesar dos esforços das forças aliadas.

Rose Sélavy e a experiência da escrita automática

Rose Sélavy é um personagem fictício criado pelo pintor Marcel Duchamp em 1920. Esse personagem aparece, em seguida, em uma série de fotografias feitas por Man Ray, nas quais Duchamp posa travestido de mulher, maquiado e com chapéu.

A partir de 1922, Robert Desnos retoma o personagem nas sessões de sono hipnótico, que então pratica com o grupo surrealista, e inventa aforismos frequentemente com a forma de *contrapèteries* aproximativas, poéticas e eróticas. Uma parte desses aforismos será retomada em *Corps et Biens* (1930), obra na qual aparecem enumerados e da qual nos servimos para nossa breve abordagem. Esse personagem também é mencionado em *Nadja'*, narrativa poética que Breton (1990) escreveu em 1927.

Lembremos, com Abastado (1971, p.77, grifo do autor) que

L'expérience des 'phrases qui cognent à la vitre', du message subliminal, les révélations qu'elles apportent sur le creuset incandescent des désirs, incitent les surréalistes à reproduire à volonté une expérience d'abord fortuite, à parfaire une technique pour obtenir une dictée ininterrompue de la pensée 'en l'absence de tout contrôle exercé par la raison, en dehors de toute préoccupation esthétique ou morale' (apud BRETON, 1924, grifo do autor). Cette technique est l'écriture automatique.

Breton, dans le Manifeste, indique la recette et l'intitulé, dans l'enthousiasme de la découverte: 'secrets de l'art magique surréaliste':

'Faites-vous apporter de quoi écrire, après vous être établi en un lieu aussi favorable que possible à la concentration de votre esprit sur lui-même. Placez-vous dans l'état le plus passif, ou réceptif que vous pourrez. Faites abstraction de votre génie, de vos talents et de ceux de tous les autres. Dites-vous bien que la littérature est un des plus tristes chemins qui mènent à tout. Écrivez vite sans sujet préconçu, assez vite pour ne pas retenir et ne pas être tenté de vous relire. La première phrase viendra toute seule, tant il est vrai qu'à chaque seconde il est une phrase étrangère à notre pensée consciente qui ne demande qu'à s'extérioriser'.

É preciso não esquecer, entretanto, que, apesar de a concepção surrealista do automatismo aparecer como uma criação artística diferente e original, ela se inspirou na tradição mediúnic e psiquiátrica. Dessa forma, vemos, com Giry (1994, p.67), que

¹ Cf. BRETON, 1990.

Chez les spirites, l'automatisme correspond à une voix extérieure, celle des esprits défunts, s'exprimant par la parole, l'écriture ou le dessin, à travers le sujet qui, totalement passif, leur prête le canal de ses organes [...]

Pour les psychiatres, l'automatisme est une dégradation de la volonté momentanément suspendue du sujet qui devient la proie et la victime impuissante de manifestations qui envahissent le champ de sa conscience. Il s'agit donc d'un symptôme pathologique qui s'exprime le plus souvent de manière incohérente, répétitive et indigente sur le plan intellectuel ou artistique [...]

Em *Corps et biens*, Rose Sélavy aparece em duas formas distintas – separadamente, sob a forma de 150 aforismos e como um poema que faz parte de *L'Aumonyme* (1923). Desnos manipula a linguagem e realiza variados jogos verbais, como a “*contrepèterie*”, que, segundo o dicionário Robert², “[...] é a interversão das letras ou das sílabas de um conjunto de palavras especialmente escolhidas a fim de se obterem outras cuja união tenha também um sentido, de preferência burlesco ou licencioso.” Entre 1922 e 1923, Desnos escreveu 150 *contrepèteries*, todas enumeradas. Escolhemos algumas a título de ilustração:

4. La solution d'un sage est-elle la pollution d'un Page?
6. Rose Sélavy inscrira-t-elle longtemps au cadran des astres le cadastre des ans ?
16. Aragon recueille in extremis l'âme d'Aramis sur un lit d'estragon.
17. André Breton ne s'habille pas en mage pour combattre l'image de l'hydre du tonnerre qui brame sur un mode amer.
19. Rose Sélavy voudrait bien savoir si l'amour, cette colle à mouches, rend plus dures les molles couches.
24. Croyez-vous que Rose Sélavy connaisse ces jeux de fous qui mettent le feu aux joues ?
39. Rose Sélavy propose que la pourriture des passions devienne la nourriture des nations.
42. Paul Éluard : le poète élu des draps.
85. Dans un lac d'eau minérale Rose Sélavy a noyé la câline morale.
86. *Rose Sélavy glisse le coeur de Jésus dans le jeu des Crésus.* » (DESNOS, 1968, p.33-41).

Vemos, nessas frases, toda a riqueza dos jogos de linguagem praticados pelo Surrealismo e pela escrita automática. Lembremos, com Durozoi e Lecherbonnier (1972), que a produção de um texto automático descontrola

² Cf. CONTREPÈTERIE, 2009, p.531, tradução nossa.

as regras permitidas pela atividade literária. Enquanto tradicionalmente o texto literário é recebido como uma linguagem qualitativamente superior, que se distingue daquela empregada na comunicação ordinária na medida em que testemunha uma elaboração e um trabalho voluntários – o que torna possível uma sacralização da literatura e de sua situação fora do comum – a prática do automatismo revela a existência latente de outro texto, que se beneficia de um poder poético incomparável. Os estudiosos ainda dizem que:

[...] Le langage incontrôlé manifeste une capacité créatrice que la conscience au travail dans la littérature ne fait que mutiler : n'étant plus utilisé pour transmettre un sens préétabli, selon le schéma classique qui va du fond à la forme, il produit du sens, selon le schéma moderne qui va de la forme au fond, par ses capacités combinatoires – un sens imprévu, surprenant, dans lequel l'esprit du scripteur ne se reconnaît pas immédiatement. [...]

L'écriture automatique inverse donc les rapports entre « littéraire » et non-littéraire apparaissant désormais comme incomparablement plus riche que le premier, le texte automatique révélant à son scripteur qu'il recelait en lui même beaucoup plus qu'il pensait [...] (DUROZOI; LECHERBONNIER, 1972, p.96-97).

É preciso salientar, ainda, a influência exercida por Apollinaire na obra de Desnos. Na obra de ambos os poetas, o uso de jogos de palavras transgride a ordem lógica dos vocábulos, criando sentidos inesperados e uma nova realidade (ALMEIDA FILHO, 2006).

Entre as dez *contrepèteries* acima enumeradas, vê-se que sua singularidade encontra-se em torno de construções que utilizam os jogos de palavras e os duplos sentidos, criando um efeito de desagregação e dissociação, com o intuito de se formar uma nova associação de palavras que se reinventam e se renovam por meio do jogo com sintagmas, inversão de enunciados, criação de novas associações, que se destacam, sobretudo, no trabalho com a sonoridade, pois vemos em 4. a associação entre as palavras “*solution*” e “*pollution*” e “*sage*” e “*Page*”; em 16. “*Aragon*” e “*estragon*” e “*extremis*” e “*Aramis*”; em 19. “*colle à mouches*” e “*les molles couches*”; em 24. «*ces jeux de fous*» e «*le feu aux joues*»; em 39. «*la pourriture des passions*» e «*la nourriture des nations*». Em 42., 85. e 86. vê-se o jogo de palavras por meio de palíndromos “*Paul Éluard: le poète élu des draps*”, «*lac eau minérale*» e «*la câline morale*” e “*glisse le coeur de Jésus dans le jeu des Crésus*”.

Na obra *Corps et biens*, como dito anteriormente, Desnos (1968) também escreve um poema com a *contrapèterie* “*Rose Sélay*”. Trabalhando primordialmente com o ritmo, que serve de arcabouço aos elementos sonoros, ele cria dez

estrofes que possuem o mesmo “som”, recorrendo ao francês, ou a uma língua estrangeira, como o inglês e o italiano:

RROSE SÉLAVY, ETC.

Rose aisselle a vit.

Rr'ose, essaie là, vit.

Rôts et sel à vie.

Rose, S, L, have I.

Rosée, c'est la vie.

Rose scella vit.

Rose sait la vie.

Rose, est-ce, hélas, vie ?

Rose aise béla vit.

Rose est-ce aile, est-ce elle ?

Est celle

AVIS

(10 décembre 1923).

(DESNOS, 1968, p.67).

O trabalho realizado pelo poeta, de que se evocou neste texto um breve exemplo, revela um uso espontâneo e popular da linguagem. E concluímos, recorrendo a Michel Leiris (apud CORSETTI, 1991, p.22), que Desnos certamente encontrou sua dimensão pessoal ao misturar a nostalgia dos ritmos clássicos com a preferência pela linguagem popular. Seu lirismo o coloca ao lado de Apollinaire, Prévert, Queneau, Max Jacob, entre os quais se sobressai pela sua genuína espontaneidade, que faz dele um dos grandes nomes da poesia surrealista.



Robert Desnos and the automatic writing in “Rose Sélavy”

ABSTRACT: *We briefly retrace here the Surrealism, the characteristics of automatic writing and we do a simple analysis of Rrose Sélavy, by Robert Desnos, the greatest surrealist poet in this kind of writing.*

KEYWORDS: *Surrealism. Robert Desnos. Automatic writing. Rrose Sélavy.*

REFERÊNCIAS

ABASTADO, C. **Introduction au surréalisme**. Paris: Bordas, 1971.

ALMEIDA FILHO, E. A. **Jacques Prévert e a poética do movimento**. 2006. 177 f. Tese (Doutorado em Literatura Francesa)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

BRETON, A. **Nadja**. Paris: Gallimard, 1990.

_____. **Manifestos do surrealismo**. Tradução e notas de Sergio Pachá. Rio de Janeiro: Nau, 2001.

COMPAGNON, A. XX ème siècle. In: TADIÉ, J. Y. (Org.) **La littérature française: dynamique et histoire II**. Paris: Gallimard, 2007. p.661-668.

CORSETTI, J. P. Le voyou au pâle visage. **Europe**, Paris, n.69, p.19-29, août-sept. 1991. Numéro spécial.

DESNOS, R. **Corps et biens**. Préface de René Bertelé. Paris: Gallimard, 1968.

DUROZOI, G.; LECHERBONNIER, B. **Le surréalisme: théories, thèmes, techniques**. Paris: Larousse, 1972.

GIRY, A. de. Le surréalisme: automatisme psychique pur? **Organon**, Porto Alegre, v.8, n.22, p.63-82, 1994.

CONTREPÈTERIE. In: LE ROBERT de poche. Nouvelle édition entièrement revue et enrichie. Paris: Dictionnaires le Robert, 2009. p.279.